A DEMANDA DO SANTO GRAAL

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

INTRODUÇÃO

A *Demanda do Santo Graal* — ms. 2594 da Biblioteca Nacional de Viena — insere-se num ciclo vasto e tardio da literatura arturiana designado por Pseudo-Boron ou, mais recentemente, por Post-Vulgata. Composta entre 1230 e 1240 [1] a Post-Vulgata integra elementos de proveniência diversa tais como o tema do Graal, a lenda arturiana, os amores de Lancelot e Guenièvre e a história de Tristão e Palamedes, articulados entre si no sentido de formar um conjunto unificado e totalizante.

A lenda arturiana foi transmitida por textos vários dos quais o mais antigo é a *Historia Brittonum,* composição anónima [2] anterior ao século XI que apresenta Artur, chefe bretão do Norte e herói de lutas locais, como um herói cujos feitos cobriram toda a Bretanha. A *Historia Regum Britanniae* de Geoffroy de Monmouth (século XII) dá a Artur um lugar central na epopeia dos Bretões. A *Vita Merlini* (meados do século XII) é elaborada em torno do nome de Merlin e de profecias de origem diversa respeitantes ao povo bretão [3]. O *Brut* de Wace [4] contém fragmentos da vida e morte de Artur e introduz pela primeira vez a Távola Redonda.

O tema do Graal surge pela primeira vez em Chrétien de Troyes no seu romance *Perceval le Gallois ou le Conte du Graal* e é apresentado como um objecto maravilhoso de origem desconhecida guardado pelo rei mutilado de um reino estéril. Perceval, o herói, falha a sua missão de libertador por todos esperado pois, por ignorância e discrição, guarda o silêncio na presença do Graal em lugar de formular a pergunta que levantaria a maldição. O conto

---

[1] *Terminus ad quem* da Vulgata e romance de Palemedes que contém referências a episódios da Post-Vulgata.

[2] Com uma importante interpolação atribuída a Nennius.

[3] Ver E. Faral, *La Légende Arthurienne. Études et Documents,* Paris, 3 vols., 1929, pp. 47 e 138-169.

[4] *La Partie Arthurienne du Roman de Brut,* Paris, Klincksieck, 1962 (ed. de Arnold e M. M. Pelan).

de Chrétien de Troyes interrompe-se sem que Perceval volte a encontrar o castelo do Graal. Os seus numerosos continuadores modificam-lhe o espírito. A lenda, eivada de paganismo, é cristianizada. O Graal, recipiente grato, caldeirão mágico, vaso ou prato, nunca claramente definido em Chrétien, é agora o *Santo Vaso* da Última Ceia onde é recolhido o sangue de Cristo.

É Robert de Boron, autor da trilogia em verso *li livres dou graal — Joseph, Merlin, Perceval —*, quem vai (entre 1191 e 1212) não só explicar a origem do Graal mas também articular a história do Graal com o reinado de Artur. Da trilogia de Robert de Boron apenas se conservam o *Joseph* e 502 linhas do *Merlin* [1]. O primeiro estabelece a trajectória do Graal, vaso sagrado da última ceia, no qual José de Arimateia recolhe o sangue de Cristo, transmitido depois a Bron, seu cunhado, cujo neto, Perceval, deverá acabar as aventuras que a ele se ligam. O segundo, *Merlin,* estabelece uma relação entre a era apostólica do Graal e o reinado de Artur: menciona a instituição da Mesa Redonda com a sua «seeda perigosa» segundo o modelo da mesa do Graal, a intervenção de Merlin nos amores de Uterpandragon e Ygerne, o nascimento de Artur, a sua educação por Auctor e finalmente a sua coroação. O terceiro, *Perceval,* conhecido apenas pelas versões em prosa [2], narra o fim das aventuras do Graal, cujo herói é Perceval, e a destruição do reino de Artur.

Mas os romances em verso do século XII vão alimentar a passagem à prosa do século seguinte. Entre 1215 e 1235 vai surgir um ciclo mais vasto [3] resultante desta tendência para estabelecer relações entre elementos de tradição diversa — o *Lancelot-Graal,* em que o tema do Graal surge articulado com a história dos amores de Lancelot e Guenièvre. O *Lancelot-Graal* compreende cinco partes na sua versão mais divulgada, a Vulgata [4]:

1. *Estoire del Saint Graal;*
2. *Estoire de Merlin;*
3. *Lancelot du Lac;*
4. *Queste del Saint Graal;*
5. *Mort Artu.*

A primeira constitui uma versão muito amplificada do *Joseph* de Robert de Boron, conta a vinda do Graal para a Grã-Bretanha, a construção do castelo de Corbénic, as conversões realizadas por Joseph e seus companheiros até ao tempo do rei Pelles, avô de Galaaz. A segunda é uma versão em

[1] *Le Roman de l'Estoire dou Graal,* ed. W. A. Nitze, 1927.

[2] V. W. Roach, *The Didot Perceval,* Philadelphia, 1941.

[3] V. J. Frappier, *Étude sur la Mort Artu,* Genève, 1972.

[4] Publicada por H. O. Sommer, *The Vulgate Version of the Arthurian Romances,* 8 vols., Washington, 1909-1916. Uma nova versão, sob o título *Le Livre du Graal,* preparada por Daniel Poirion e publicada sob a direcção de Philippe Walter, compreende três volumes de que apenas o primeiro está já disponível. Este contém o *Joseph d'Arimathie, Merlin, Les Premiers Faits du Roi Artu,* por Anne Berthelot, Robert Deschaux, Irene Freire Nunes e Gérard Gros, Paris, Gallimard, Bibl. de la Pléiade, 2001.

prosa do *Merlin* de Robert de Boron a que se acrescentou uma *Continuation du Merlin* que relata os primeiros anos do reinado de Artur e os amores de Merlin. A terceira contém a infância de Lancelot, uma versão em prosa do conto *Le Chevalier de la Charrette* de Chrétien de Troyes e o chamado *Agravaim* (2.ª parte das aventuras de Lancelot) que estabelece a transição para a *Queste del Saint Graal.* A quarta, a *Queste,* dá a Galaad, representante da cavalaria espiritual, o papel de herói do Graal. A quinta conta a descoberta dos amores de Lancelot e Guenièvre, a dissenção dos cavaleiros da Távola Redonda e a destruição do reino de Artur.

Tendo-se o ciclo da Vulgata desenvolvido por etapas, as duas primeiras — *Estoire du Saint Graal* e *Estoire de Merlin* — são posteriores à trilogia inicial [1] — *Lancelot-Queste-Mort Artu,* que correspondia a três períodos da vida de Lancelot, figura central —, têm como função esclarecer as origens e referem-se a dois períodos anteriores: o que precede o reinado de Artur e o que o liga ao nascimento de Lancelot.

Entretanto também do romance de *Tristan,* igualmente do século XII, vão surgir versões em prosa que vão constituir um ciclo paralelo em que a história de Tristão se combina com a de Lancelot, com a de Artur e com o tema do Graal. Entre a primeira versão do *Tristan en Prose,* composta pouco depois da Vulgata, e a segunda versão, escrita por volta de 1250 [2], a Vulgata foi remodelada fazendo convergir os diferentes ramos do ciclo num romance único, centrado em torno da figura de Artur. Para isso elimina grande parte da matéria relativa a Lancelot e integra na *Queste* um grande número de episódios em que participam cavaleiros estranhos ao *Lancelot-Graal* da Vulgata mas que figuram no *Tristan.* Este novo ciclo, a Post-Vulgata ou Pseudo-Boron [3], compreende três partes:

1. *Estoire del Saint Graal;*
2. *Merlin;*
3. *Queste del Saint Graal.*

Este novo ciclo não é conservado de forma completa por um manuscrito único mas apenas subsiste em fragmentos esparsos. Um importante trabalho de reconstituição tem vindo a ser realizado por Fanny Bogdanow nomeadamente através do seu estudo *The Romance of the Grail* [4].

A *Estoire del Saint Graal* da Post-Vulgata, que não parece diferir significativamente da da Vulgata, é representada na Península Ibérica pelo *Livro de Josep ab Arimatia* [5].

---

[1] Ver A. Pauphilet, *Romania,* XLV, 1918 (crítica ao *Étude* de F. Lot), pp. 514-534. J. Frappier, *Étude sur la Mort le Roi Artu,* Genève, 1972, pp. 55-62.

[2] Ver E. Vinaver, *Études sur le Tristan en Prose,* Paris, 1925, pp. 23, 28-30.

[3] O autor (ou autores) utiliza o nome de Robert de Boron atribuindo-lhe a compilação.

[4] Nova Iorque, Manchester University Press, 1966.

[5] Ms. 643 da Torre do Tombo, em português, e ms. 1877 da Biblioteca Universitária de Salamanca, em castelhano. Ver Ivo Castro, *O Livro de José de Arimateia* (tese de doutoramento), Lisboa, 1984.

O *Merlin* compreende uma versão em prosa do *Merlin* de Robert de Boron, seguida de uma adaptação da *Continuation* da Vulgata à qual se acrescenta uma série de aventuras conhecida por *Suite du Merlin* [1]. É representado na Península pelo *Baladro del Sabio Merlin con sus profecias* [2] e pelo fragmento do ms. 1877 de Salamanca, editado por K. Pietsch [3], ambos em castelhano, e por dois fragmentos da *Suite du Merlin* em galaico-português descobertos por A. J. Soberanas [4]. Há ainda notícia de um *Merlin* pertencente à biblioteca do rei D. Duarte [5], outro que figura no inventário de Isabel, a *Católica* [6], outro ainda no castelo de Benavente, por volta de 1400 [7].

A *Queste del Saint Graal* da Post-Vulgata baseia-se nas duas últimas partes da Vulgata, *Queste del Saint Graal* e *Mort Artu,* remodelando ou omitindo episódios e acrescentando outros de acordo com o espírito do novo romance. Nenhum manuscrito francês a contém senão de forma fragmentária. É de uma versão tardia desta *Queste* da Post-Vulgata que derivam as traduções ibéricas: *Demanda do Santo Graal* [8] em português e *Demanda del Sancto Grial* [9] em castelhano.

Muito debatida tem sido a questão da prioridade da versão portuguesa sobre a castelhana e vice-versa. Se Baist [10], K. Pietsch [11] e mesmo Bohigas Balaguer [12] apresentam argumentos a favor da prioridade castelhana, já Menendez Pelayo [13] pensa que a tradição lírica galego-portuguesa favorece, mais que a épica castelhana, a penetração da matéria de Bretanha. Carolina Michaëlis [14] chama a atenção para as relações de longa data entre Portugal e a França intensificadas a partir de Afonso III, e para a presença de elementos linguísticos portugueses na *Demanda* castelhana. José Joa-

---

[1] Ms. Huth, publicado por G. Paris e J. Ulrich em 1886, e ms. de Cambridge, identificado por Vinaver em 1945.

[2] De que há duas impressões: a de Burgos, 1498, e a de Sevilha, 1535. Da primeira publicou G. Paris alguns extractos no prólogo da sua edição da *Suite du Merlin,* Paris, 1886. A segunda foi publicada por Bonilla y San Martin, *Libros de Caballerias*, Primeira Parte, Madrid, 1907.

[3] *Spanish Grail Fragments,* 2 vols., Chicago, 1924-1925.

[4] «La version galaïco-portugaise de la Suite du Merlin», *Vox Romanica,* 38, 1979, e *Grial,* 76, 1982.

[5] Apêndice do *Leal Conselheiro,* ed. J. Piel, Lisboa, 1942.

[6] Ver Bohigas Balaguer, «Los Textos Españoles y Gallego-portugueses de la Demanda del Sancto Grial», *Revista de Filologia Española,* Anejo VII, Madrid, 1925, p. 70.

[7] *Ibidem,* p. 70.

[8] Ms. 2594 da Biblioteca de Viena.

[9] Edição de Sevilha de 1535, reeditada em 1907 por Bonilla y San Martin, *Libros de Caballerias,* Nueva Biblioteca de Autores Españoles, t. VI, e *Spanish Grail Fragments* de K. Pietsch, 2 vols., Chicago, 1924-1925 (frag. do ms. 1877 da Biblioteca Universitária de Salamanca).

[10] «Die spanische Literatur», *Grundiss der romanischen Philologie,* II, pp. 439-441.

[11] *Modern Philology,* XI, pp. 12-17.

[12] *Op. cit.,* p. 85.

[13] *Origenes de la Novela,* I, p. CLXXI.

[14] «Lais de Bretanha», *Revista Lusitana,* VI, pp. 26-27.

quim Nunes [1] faz notar a grande semelhança entre a língua do *Josep* e a dos trovadores. É no entanto Rodrigues Lapa [2] quem defende com mais rigor a prioridade portuguesa da *Demanda*. Mostra que entre os numerosos «ocidentalismos» há muito notados na tradução castelhana, alguns são tipicamente galego-portugueses, assim como certas particularidades de sintaxe, e os erros de tradução do escritor castelhano ajudam mesmo a reconstituir certas formas arcaicas que o escriba português modernizou. Põe em relevo a identidade perfeita entre a *Demanda* portuguesa e os documentos linguísticos do século XIII, sobretudo a língua dos trovadores, e chega mesmo a admitir a hipótese de que estes tenham sido influenciados por aquela.

Nota a presença do advérbio *chus,* já raro nos trovadores do terceiro quartel do século XIII, como elemento possível de datação. Nota ainda a presença flagrante de vestígios do texto francês no português, tais como *a meu ciente, malmenar, contenente, sergente, onta, retraer, laida,* etc. Tal como Carolina Michaëlis [3], Lapa admite que a tradução tenha sido executada ainda em França por companheiros de D. Afonso III, o que implicaria uma data anterior a 1245, data do seu regresso a Portugal. Ivo Castro [4] dá a esta hipótese nova solidez e verosimilhança analisando as circunstâncias ligadas à permanência deste monarca em França e demonstra a possibilidade material de Afonso III e os seus companheiros terem conhecido e transmitido os romances arturianos. Outro dado, focado por Fanny Bogdanow [5] e prova possível da anterioridade da versão portuguesa, é o vocábulo *car,* extremamente raro, correspondente ao português *caro,* que ocorre duas vezes na *Demanda* portuguesa (fól. 134c e 135a) e que na versão castelhana é traduzido por *casa* ou omitido.

A *Demanda do Santo Graal* (ms. 2594 da Biblioteca Nacional de Viena) é um pergaminho do século XV, cópia de um manuscrito de época anterior que não é ainda o manuscrito original da tradução. É composto por 202 fólios de 297 mm × 222 mm, sendo os três últimos em branco. Tem quatro folhas de guarda no início (duas em pergaminho, contemporâneas do ms., e duas em papel) e duas no fim do volume (em papel). O texto é disposto em duas colunas, de 25 a 47 linhas cada, em escrita bastarda característica da Península Ibérica. A foliação a tinta, no canto superior direito do rosto, data do século XIX; a foliação a lápis, no canto inferior esquerdo do verso, data do século XX. É ainda visível nalguns fólios, no canto inferior direito, a antiga foliação em algarismos romanos. A segunda metade do fól. 112b assim como o verso do mesmo, encontram-se em branco. Nalgumas partes do ms., no início dos capítulos, as iniciais e, frequentemente, a primeira palavra, são

---

[1] «Uma amostra do Livro de Josep ab Arimatia», *Revista Lusitana,* XI, pp. 223-237.

[2] *A Demanda do Santo Graal. Prioridade do Texto Português,* Lisboa, 1930.

[3] *Op. cit.,* pp. 26-27, e *Cancioneiro da Ajuda,* II, p. 502.

[4] *O Livro de José de Arimateia,* pp. 51, 75-98.

[5] «Old Portuguese *seer em car teudo* and the Priority of the Portuguese Demanda do Santo Graal», *Romance Philology,* XXVIII, n.º 1, 1974, pp. 48-51.

escritas em letras latinas da altura de duas linhas. Uma grande parte do ms. contém rubricas (ff. 1r-69r, 78r-79r, 82v-83r, 102r-110v), mas por vezes o espaço que lhes foi reservado ficou em branco (ff. 70r-77v, 82v, 11r-158v) ou o copista não deixou espaço para elas (79v-81v, 83v-101v, 159r-199v). Nos fólios 114c e 118d o copista indicou, na margem, as rubricas correspondentes aos ff. 114c e 118c. É evidente a presença de vários copistas. Distinguem-se, a meu ver, sete mãos diferentes. A primeira abrange os ff. 1r-77v; a segunda, os ff. 78r-85v; a terceira, os ff. 86r-93v; a quarta, os ff. 94r-101v; a quinta, os ff. 102r-110v e 159r-199v; a sexta, os ff. 111r-134v; a sétima, os ff. 135r-158v. Fanni Bogdanow, que considera a existência de cinco mãos, atribui ao segundo copista os ff. 78r-93v e, ao quarto os ff. 102r-110v, 159r-199v e «talvez» também os ff. 111r-134v (*La Queste-Mort Artu de la Post Vulgate,* Paris, Picard, 1991).

Trata-se de uma cópia extremamente modernizada em que os vários copistas introduzem particularidades da língua do seu tempo. Otto Klob [1] situa-a no início do século XIV, juntamente com o original do *Josep Abarimatia.* Carolina Michaëlis [2] situa a sua primeira redacção no tempo de Afonso X, o *Sábio* (1250-1284). Rodrigues Lapa [3] diz-nos que a *Demanda* deve ter sido traduzida do francês o mais tardar no último quartel do século XIII.

O manuscrito de Viena conheceu várias edições parcelares e algumas tentativas de edição integral interrompidas. É mencionado a partir de 1838 por F. Joseph Mone [4], em 1856 por Ferdinand Wolf [5], em 1870 por Francisco Adolfo Varnhagen [6]. Em 1887 por Karl Reinhardstoettner que publica os 72 primeiros fólios [7]. Em 1897 por Carolina Michaëlis que supõe que a *Demanda* é a terceira parte do ciclo de que o *Josep Abarimatia* é a primeira e a considera uma refundição do tempo de D. Duarte de um manuscrito do século XIII [8]. É mencionado por Wechssler [9] em 1895, que descobre vastos

---

[1] «Beiträge zur Kennatnis der spanischen und portugiesischen Gral-Literatur», *Zeitschrift für romanische Philologie,* XXVI, pp. 175, 198-201.

[2] «Geschichte der portugiesischen Literatur», *Grundiss der romanischen Philologie,* II, 2, Strassburg, 1897, p. 215.

[3] *Op. cit.,* p. 16.

[4] *Anzeiger für Kunde der deutschen Voreit,* VII, Jahrgang, Karlsruche, 1838, 551.

[5] *Primavera y flor de romances o coleccion de los más viejos y más populares romances castellanos publicada con una introduccion y notas,* I, LXXXIV, n. 28, e II, 146-147 e 148; *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen National Literatur,* Berlin, 1859, 502, e «Über Raoul de Houdenc und insbesondere seinen Roman Meraugis de Portlesguez, Denkschriften der keiserlichen Akademie der Wissenschaft in Vienna», *Philos.-Hist. Klasse,* 14, Vienna, 1865, 183-194 (descrição do ms., indic. do conteúdo e estudo de algumas passagens).

[6] *Cancioneirinho de Trovas Antigas,* Viena, 1870.

[7] *A História dos Cavaleiros da Mesa Redonda e da Demanda do Santo Graal,* Berlim, 1887.

[8] *Op. cit.,* p. 215.

[9] *Über die verschiedenen Refaktionen des Robert de Borron Graal-Lancelot-Cyklus,* Halle, 1895, cl. II.

fragmentos de um possível original da *Demanda*. Por Otto Klob [1], em 1902, que projecta uma edição completa do manuscrito de Viena mas abandona o seu projecto em favor de Wechssler que por sua vez o não realiza. Por W. Entwistle [2], em 1925, que a considera fonte das referências à matéria de Bretanha nos cancioneiros galego-portugueses [3]. Por Bohigas Balaguer [4] que estabelece a relação entre a *Demanda* portuguesa e a castelhana, derivadas de um antepassado comum em língua peninsular.

Em 1927, Augusto Magne publica na *Revista de Língua Portuguesa,* n.º 45, de Janeiro de 1927, um episódio do texto correspondente à *Mort Artu* cuja conclusão aparece em Março do mesmo ano. Em Novembro de 1928 são publicados os fols. 1-12b. Em Janeiro de 1929, os fols. 12c-23d. Em Maio 1929, os fols. 24a-33c. Em Setembro de 1929, os fols. 33d-65a. A publicação cessa com a interrupção da revista. Em 1944, Magne fornece uma edição completa do manuscrito de Viena: *A Demanda do Santo Graal,* Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro. Esta edição foi no entanto alvo de muitas críticas devido ao grande número de passagens censuradas, à excessiva modernização da grafia, à pontuação imprevisível e às «correcções» baseadas na versão castelhana. Joseph Piel nas «Anotações críticas ao texto da Demanda do Graal» [5] fornece numerosos exemplos de acrescentamentos desnecessários e de interpretações contestáveis propondo e justificando as correcções que se impunham. Tais críticas levaram Magne a fornecer nova edição [6] que inclui os excertos anteriormente censurados e é acompanhada de fac-símile. No entanto, a edição de Magne, para além das reservas que suscita, é praticamente inacessível em Portugal. Impunha-se pois a divulgação do texto, sob tantos aspectos precioso. A presente edição não pretende, sendo embora uma leitura crítica, resolver todos os problemas de crítica textual que coloca, mas ser a divulgação do texto do único manuscrito que possuímos para que possa ser utilizado, dada a sua importância, por um público amplo. Procura em todo o caso fornecer uma leitura fiel. Parte do manuscrito de Viena tendo em conta, nos pontos em que este apresenta dificuldades, as sugestões de Joseph Piel assim como as correcções de Rodrigues Lapa ao texto de Viena por Reinhardstoettner [7] visando restabelecer a lição original através dos erros do escriba. O recurso aos manuscritos franceses permitiu estabelecer para a presente edição alguns nomes próprios — alguns, já que nenhum apresenta uma lista equivalente dos «CL cava-

[1] *Zeitschrift für romanische Philologie,* XXVI, pp. 175, 198-201.

[2] *The Arturian Legend in the Literatures of the Spanish Peninsular,* Londres-Toronto, 1925.

[3] Ver C. Michaëlis, «Lais de Bretanha», *Revista Lusitana,* VI, pp. 1-43.

[4] *Op. cit.,* pp. 56-94.

[5] *Biblos,* 21, 1945.

[6] Rio de Janeiro, 1955-1971.

[7] *A Demanda do Santo Graal. Prioridade do Texto Português,* Lisboa, 1930. O confronto entre o texto português e o castelhano termina no fól. 51v. Aqui terminam pois as correcções propostas.

leiros» que prestaram juramento ao iniciar a demanda do Graal — que Magne omite na quase totalidade na edição de 1944. Também a recente publicação de *La Version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu* de Fanni Bogdanow, Paris, Picard, 1991-2000, permitiu alguns cotejos decisivos.

Como critério de transcrição seguem-se as normas adoptadas pelo Centro de Estudos Filológicos [1] intervindo apenas no que toca à pontuação, definição de períodos e parágrafos, utilização de maiúsculas, separação de palavras justapostas e acentuação. Os desenvolvimentos são efectuados sem anotação, os acrescentamentos em itálico e as supressões e interpretações anotadas. O desaparecimento das epígrafes no manuscrito é compensado pelo acrescentamento de rubricas (entre parênteses rectos) destinadas a facilitar a leitura e a localização dos episódios.

Deixo expressa a minha gratidão ao professor José Mattoso pelas suas preciosas sugestões e constante apoio neste trabalho e ao Dr. Bernardo Vasconcelos que prontamente me ajudou na leitura de alguns passos incertos. E, naturalmente, à Biblioteca Nacional de Viena que me forneceu o microfilme do ms. 2594 sem o qual esta edição não teria sido possível.

Após ter concluído a preparação deste trabalho foi-me dada a conhecer a existência de uma edição do Professor Joseph Piel, confiada à extinta Imprensa Universitária de Coimbra e que, devido a essa extinção, ficara incompleta. Essa edição, recentemente recuperada com muitas outras obras que sofreram igual destino, que tive a honra de completar, afasta-se porém das leituras propostas nas *Anotações Críticas,* talvez por ser muito anterior e por o seu autor ter sido levado a evoluir nas suas posições. As divergências serão assinaladas em nota na presente edição nos casos em que as sugestões das *Anotações Críticas* foram adoptadas.

---

[1] Publicada pelo grupo dedicado à preparação de edições medievais que se constitui em 1970 sob orientação do Professor L. F. Lindley Cintra, *Boletim de Filologia,* 22, 1975.

Critérios de transcrição

De modo geral são anuladas as variantes gráficas representando o mesmo som, de acordo com a forma que no texto mais se aproxima da forma actual.

Certos sinais de pontuação e acentuação modernos são introduzidos sempre que se revelem necessários à boa compreensão do texto, assim como o conceito moderno de fronteira da palavra e a utilização das maiúsculas segundo as normas actualmente em uso.

1 — O *desenvolvimento das abreviaturas* não é assinalado:

As fixas <9> e <ꝑ> em <– os> e <– per>.

As contextuais, marcadas pelo sinal <—>, segundo a forma plena mais frequente no ms. ou, se necessário, segundo a forma correspondente na norma actual.

2 — *Acentuação:*

a) A *cedilha* é omitida ou acrescentada segundo a norma actual;
b) Foram introduzidos acentos agudos <´> e circunflexos <^> em formas susceptíveis de ser confundidas com homónimas.
Ex.: *pôde* (pretér. de *poder*) = *pode* (pres. de *poder*).
é, (v. ser) = *e* (conj.).
vós (pron. suj.) = *vos* (pron. compl.).

c) É introduzido o *traço de união* nas apoclíticas e quando a norma actual o exige.

3 — *Pontuação:*

a) Na medida do possível respeita-se a pontuação do ms. No entanto, dado que o emprego do ponto <.> nos manuscritos não corresponde ao uso actual, são introduzidos alguns sinais necessários à boa compreensão do texto, a saber: o ponto <.>, a vírgula <,>, o ponto e vírgula <;>, os dois pontos <:>, o ponto de interrogação <?>, o travessão <—>, o apóstrofo, e, episodicamente, as aspas <”>;
b) São também acrescentados *parágrafos,* que o manuscrito não contém;
c) A nota tironiana <⁊> é representada por <e>.

4 — *Os erros, acrescentos, correcções e notas à margem* são assinalados em nota, assim como os *deslocamentos de letras* no interior da palavra:

a) *As letras e palavras acrescentadas* são em itálico;
b) As letras e palavras corrigidas são assinaladas em nota, assim como *as letras e palavras repetidas* que é necessário eliminar;
c) *As lacunas* (ou as leituras impossíveis) são colocadas entre parêntesis rectos <[]>;
d) *As conjecturas* e as *leituras duvidosas* são em itálico e assinaladas em nota.

5 — Os *fólios* são numerados no interior do texto com algarismos seguidos das letras *a, b* (recto) e *c, d* (verso).

6 — *Alografias:*

As variantes alográficas são normalizadas a nível do vocalismo e do consonantismo:
<i>, <j>, <y> = /i/ — <i>
<i>, <j>, <y> = /j/ — <j>
<u>, <v> = /v/ — <v>
<c>, <ç> + a, o, u — <ç>
<c>, <ç> + e, i — <c>.

VOCALISMO:

A — *Vogais simples:*

Orais — são conservadas (após anulação da alografia).
Nasais — as marcas de nasalidade são conservadas ou restituídas de acordo com a norma actual.

1 — *Em sílaba anterior:*

a) Antes de consoante: vogal seguida de <m> ou <n>.

Ex.: tẽpo — tempo; vẽto — vento;

b) Antes de vogal de timbre diferente: vogal com til <~>.
Ex.: hũa — ũa.

2 — *Em sílaba final:*

Vogal seguida de <m>.
Ex.: homẽ — homem.

B — *Vogais geminadas:*

a) *Etimológicas* — conservadas.
Ex.: soo; maa; pee.

b) *Não etimológicas* — reduzidas a uma vogal simples.
Ex.: irmããо — irmão.

CONSONANTISMO:

A — *Consoantes simples* — conservadas, com as reservas seguintes:

g: Representando a oclusiva /g/: é mantido antes de <a>, <o> e <u> e transcrito por <gu> antes de <e> ou <i>.
Ex.: algẽ — alguem.

Representando a fricativa palatal /ʒ/: se etimológico é mantido; não etimológico, é transcrito por <j>.
Ex.: aga — aja.

h: Inicial etimológico: é conservado ou restituído se falta no ms., de acordo com a norma actual.
Ex.: auer — haver.

Inicial não etimológico: é suprimido.
Ex.: hũa — ũa; he — é.

j, i, y: Com valor consonântico, são transcritos por <j>.
Ex.: aia — haja.

Com valor vocálico ou semivocálico, são transcritos por <i>.
Ex.: mj — mi; raynha — rainha; mayo — Maio.

v, u: Com valor consonântico, são transcritos por <v>.
Ex.: uila — vila.

Com valor vocálico ou semivocálico, são transcritos por <u>.
Ex.: vuas — uvas.

Sibilantes: São mantidas, etimológicas ou não, de acordo com a norma actual.

B — *Consoantes geminadas:*

São reduzidas a consoantes simples, excepto <rr> com valor de vibrante múltipla em posição intervocálica (se falta um <r> no ms., é restituído).
Ex.: tera — terra.

<ss> com valor de sibilante surda em posição intervocálica (se o <s> falta no ms., é restituído).
Ex.: asi — assi.

C — *Grupos de consoantes:*

Etimológicos, são mantidos nas formas que os apresentam em várias ocorrências.
Ex.: Sancto.

Não etimológicos: o elemento intruso é suprimido.
Ex.: sc̄puer — escrever.

DÍGRAFOS:

qu: Com valor de /k/, é mantido antes de <e> ou <i> e substituído por <c> antes de <a> e <o>.
Ex.: que; quis; quomo — como.

Para além dos casos enumerados, as oscilações gráficas são mantidas.

A DEMANDA DO SANTO GRAAL

[1, a] 1. Véspera de Pinticoste foi grande gente assũada em Camaalot ass*i* que podera homem i veer mui gram gente, muitos cavaleiros e muitas donas mui bem guisadas. El-rei, que era ende mui ledo, honrou-os muito e feze-os mui bem servir. E toda rem que entendeo per que aquela corte seeria mais viçosa e mais leda todo o fez fazer.

Aquel dia que vos eu digo, direitamente quando querriam poer as mesas [1] — esto era hora de noa — aveeo que ũa donzela chegou i mui fremosa e mui bem vestida e entrou no paaço a pee, como mandadeira. Ela começou a catar de ũa parte e da outra polo paaço e preguntavam-na que demandava.

— Eu demando, disse ela, por dom Lançarot do Lago. É aqui?

— Si, donzela, disse ũũ cavaleiro. Veede-lo: está a aquela freesta, falando com dom Galvam.

Ela foe logo pera el e salvou-o. Ele, tanto que a vio, recebeu-a mui bem e abraçou-a, ca aquela era ũa das donzelas que moravam na Ínsoa da Lediça que a filha Amida del-rei Peles amava mais que donzela da sua companha.

2. *Como a donzela disse a Lancelot que fosse com ela.*

— Ai, donzela, disse Lançalot, que ventura vos adusse aqua? Que bem sei que sem razom nom veestes vós.

— Senhor, verdade é, [1, b] mais rogo-vos, se vos aprouguer, que vaades comigo a aquela foresta de Camaalot e sabede que manhãã, hora de comer, seeredes aqui.

— Certas, donzela, disse el, muito me praz, ca teudo som de vos fazer serviço em todalas cousas que eu poder.

Entam pedio suas armas. E quando el-rei viu que se fazia armar a tam gram coita foi a el coa raía e disse-lhe:

— Como? Leixar-nos queredes a atal festa u cavaleiros de todo o mundo veem aa corte e mui mais ainda por vos veerem ca por al: deles por vos veerem e deles por haverem vossa companha?

---

[1] *messas.*

— Senhor, disse el, nom vou senam a esta foresta, com esta donzela que me rogou; mais cras, hora de terça, seerei aqui.

3. *Como Lancelot se foi com a donzela.*

Entom se saio Lançarot do paaço e subio em seu cavalo e a donzela em seu palafrém. E forom com a donzela dous cavaleiros e duas donzelas. E quando ela tornou a eles, disse-lhes:

— Sabede que adubei o por que viim: dom Lançarot do Lago *se há* ir com nosco [1].

Entam se filharom andar e entrarom na foresta. E nom andarom muito per ela que chegarom a casa do ermitam que soía a falar com Galaaz [2]. E quando el viu Lançarot ir e a donzela, logo soube que ia pera fazer Galaaz [3] cavaleiro e leixou sua irmida por ir ao mosteiro das donas, ca nom queria [4] [1, c] que se fosse Galaaz ante que o el visse, ca bem sabia que, pois se el partia dali, que nom tornaria i, ca lhe convenria, tanto que fosse cavaleiro, entrar aas venturas do Regno de Logres. E por esto lhe semelhava que o havia perdudo e que o nom veeria ameúde. E temia ca havia em ele mui grande sabor porque era santa cousa e santa creatura.

4. *Como Lancelot chegou aa abadia.*

Quando eles chegarom a*a* abadia, levarom Lançarot pera ũa camara e desarmarom-no. E veo a ele *a* abadessa com quatro donas, e adusse consigo Galaaz. Tam fremosa cousa era *que* maravilha era! E andava tam bem vestido que nom podia milhor. E *a* abadessa chorava muito com prazer tanto que viu Lançarot e disse-lhe:

— Senhor, por Deus, fazede vós nos*so* novel cavaleiro ca nom queríamos que seja cavaleiro per mão doutro, ca milhor cavaleiro ca vós nom no pode fazer cavaleiro. Ca bem creemos que ainda seja tam bõõ que vos acharedes ende bem e que será vossa honra de o fazerdes. E se vos el ende nom rogasse vó-lo devíades de fazer ca bem sabedes que *é* vosso filho [5].

— Galaaz, disse Lançalot, queredes vós seer cavaleiro?

El respondeo baldosamente:

— Senhor, se prouves*se* a vós, bem no queria seer, ca nom há cousa no mundo que tanto deseje como honra de cavalaria e seer da vossa mão [6], ca

---

[1] *sem hir cõnosco.*

[2] *Gualaz.*

[3] *Guallaaz.*

[4] *queriam.*

[5] *de uoso filho.*

[6] *mãão.*

d'outro nom no queria seer, que tanto vos ouço louvar e preçar de cavala [1, d] ria que niũũ [1], a meu cuidar, nom podia seer covardo nem mao [2] quem vós fezéssedes cavaleiro. E esto é ũa das cousas do mundo que me dá maior esperança de seer homem bõõ e bõõ cavaleiro.

— Filho Galaaz [3], disse Lançalot, *e*stranhamente vos fez Deus fremosa creatura. Par Deus, se vós nom cuidades seer bõõ homem ou bõõ cavaleiro, assi Deus me conselhe, sobejo seria gram dano [4] e gram mala ventura de nom seerdes bõõ cavaleiro ca sobejo sodes fremoso.

E ele disse:

— Se me Deus feze *assi* [5] fremoso, dar-mi-á bondade, se lhe prouver. Ca em outra guisa valeria pouco. E ele querrá que serei bõõ e cousa que semelhe minha linhagem e aqueles onde eu venho. E metuda hei minha esperança em Nosso Senhor. E por esto vos rogo que me façades cavaleiro.

E Lançalot respondeo:

— Filho, pois vos praz, eu vos farei cavaleiro. E Nosso Senhor, assi como a ele aprouver e o poderá fazer, vos faça tam bõõ cavaleiro como sodes fremoso.

E o irmitam respondeo a esto:

— Dom Lançalot, nom hajades dulda de Galaaz, ca eu vos digo que de bondade de cavalaria os milhores cavaleiros do mundo passará.

E Lançalot respondeo:

— Deus o [6] faça assi como eu queria.

Entam começarom todos a chorar com prazer, quantos no lugar *e*stavam.

5. *Como Galaaz prometeo ao ermitam o que lhe pedia.*

Aquela noite ficou Lançalot ali e fez Galaaz vigília na egreja. E o irmitam, que sobejo amava Galaaz, velou toda aquela noite *e* nom quedou de chorar porque viu ca se havia de [2, a] partir dele. Quando veeo a manhãã, disse a Galaaz:

— Filho, cousa santa e honrada, frol e louvor de todos os meníos, outorga-me, se te praz, que te faça companha em toda minha vida mentre te poder seguir dê que te partires da côrte del-Rei Art*u*r [7], ca eu bem sei que nom morarás i mais de ũũ dia ca a demanda do Santo Graal se começará tanto que tu i chegares. E eu te demando ta companha, assi como tu ouves, que eu sei tua santa vida e ta bondade mais ca tu. E nom sei no mundo que me tanto podesse confortar dês oi mais como de veer tam santo cavaleiro

[1] *nhũũ.*
[2] *maao.*
[3] *filho de Guallaaz.*
[4] *dapno.*
[5] *fezesse.*
[6] *ho.*
[7] *Artar.*